

REVISÃO NARRATIVA SOBRE OS USOS E CONCEITOS DE ANÁLISE FUNCIONAL

Ingrid Gomes Queiroz¹

Gisele Loiola Ponte Batista²

Sophia Lóren de Holanda Sousa³

Damião Soares de Almeida Segundo⁴

Quesia Fernandes Cataldo⁵

1. INTRODUÇÃO

A Análise do Comportamento, uma das principais abordagens em psicologia, é baseada no modelo de seleção por consequências e diferencia-se por compreender o comportamento como multideterminado, detendo-se em três diferentes níveis de análise – filogenético, ontogenético e cultural (NENO, 2003).

Nessa perspectiva, interessa a compreensão funcionalista dos comportamentos ao invés da descritiva ou topográfica – que é comum na área da saúde (e.g. sintomatologia de transtorno mentais). Assim, o modelo comportamental procura explicar o comportamento a partir da análise da teia de relações indivíduo-ambiente das histórias de vida dos sujeitos.

Dentro desse contexto, a *Análise ou Avaliação Funcional* é a principal ferramenta utilizada para resolução de problemas por meio da identificação de relações de dependência entre contingências, que são responsáveis pela aquisição e manutenção de repertórios comportamentais (MEYER, 1997; NENO, 2003). Ela consiste em especificar: 1) o comportamento alvo e as consequências que o mantêm; 2) os comportamentos adaptativos, que podem substituir o comportamento alvo em uma intervenção e 3) as consequências que mantêm o comportamento desadaptativo e dificultam o estabelecer um comportamento adaptativo (COSTA; MARINHO, 2002).

Assim, o presente estudo tem como objetivo realizar uma análise dos usos e conceitos da Análise/Avaliação Funcional para melhor entender essa ferramenta e

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). – ingridgoq@gmail.com

²Graduanda em Psicologia pela UFC. – giseleloiola@outlook.com

³Graduanda em Psicologia pela UFC. – sophialorens1@gmail.com

⁴Bacharel em Psicologia pela UFC; Bacharel em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Mestrando em Psicologia pela UFC. – damião_soares@hotmail.com

⁵Bacharel em Psicologia pela UFC e Mestranda em Psicologia pela UFC. – quesiacataldo@gmail.com

fomentar reflexões. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica com estudo descritivo que analisou artigos conceituais, considerando as principais publicações sobre o tema no banco de dados das bibliotecas eletrônicas SciELO e LILACS, usando os descritores “análise funcional” e “avaliação funcional”, incluídos artigos cujo tema central eram os conceitos e usos dessa ferramenta. Essa revisão narrativa da literatura serviu como base para posterior elaboração do estado da arte por meio de revisão sistemática.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Análise Funcional é a identificação das relações entre eventos ambientais e ações do organismo (MEYER, 1997). Assim, a Análise do Comportamento, baseada no modelo de seleção por consequências, compreende o comportamento como multideterminado, sendo alvo de ações de diferentes níveis – filogenético, ontogenético e cultural (NENO, 2003). No desenvolvimento de uma ciência do comportamento, Skinner (2003), inspirado por Mach (1838-1916), atribuiu o termo “análise funcional” à análise das relações de dependência entre eventos, ou seja, as “funções” das respostas e dos modos de um comportamento.

Dentro desse paradigma, a Análise Funcional está voltada à identificar relações de tríplex contingência responsáveis pela aquisição e manutenção de repertórios comportamentais (NENO, 2003). De acordo com Skinner (1974), uma formulação adequada da interação entre um organismo e seu ambiente deve especificar a ocasião em que a resposta ocorre, a própria resposta e as consequências reforçadoras; as interrelações entre elas são chamadas contingências de reforço. Nesse sentido, a Análise Funcional tem como objetivo identificar as contingências em que o comportamento ocorre (MEYER, 1997).

Por essa razão, a Análise Funcional, que procura identificar relações de dependência – e não de causa – entre os eventos, é aplicada como uma estratégia para resolução de problemas. Além disso, não precisa se restringir a uma perspectiva teórica particular, desde que opere sobre o paradigma de investigação do comportamento, dos antecedentes e das consequências (OWENS; ASHCROFT, 1982; NENO, 2003, MICHELETTO, 2000). Nesse sentido, Haynes e O'Brien (1990) também apontam que a busca por relações funcionais, historicamente, é resultado da

rejeição às abordagens estruturalistas e de explicações baseadas no modelo causal e as questões metafísicas subjacentes.

A noção de causalidade implica em suposições metafísicas (SKINNER, 2003). Um modelo mecanicista de explicação assume que uma relação entre variáveis segue o princípio de causa-efeito; em que algum fenômeno é explicado por um fenômeno antecedente e causa um evento posterior (CRUZ; CILLO, 2008). Contudo, quando se parte da compreensão de que o comportamento é multideterminado e complexo, o nível de análise não suporta uma explicação linear causa-efeito, mas passa a ser abordado do ponto de vista das relações produzidas e mantidas.

3. PROPOSTA DE DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

2. Análise Funcional Como Método ou Recurso Explicativo

3. O Uso Clínico da Análise Funcional

4. Análise Funcional e Elaboração de Hipóteses Clínicas

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

4. RESULTADOS

Primeiramente, quanto aos usos, verificou-se que a Análise Funcional é considerada uma estratégia (OWENS; ASHCROFT, 1982) ou método (HAYES; FOLLETT, 1992; SAMSON; MCDONNELLI, 1990; COSTA; MARINHO, 2002) de identificação das variáveis ambientais das quais o comportamento é função a partir do qual se estabelecem processos comportamentais e planejam-se mudanças, com a vantagem de ser destituída do caráter mentalista e mecanicista de outros métodos analítico-explicativos.

De forma geral, seu uso é para avaliação, formulação da intervenção e nova avaliação, o que sustenta a boa eficácia de uma intervenção (OWENS; ASHCROFT, 1982; MOURA; GROSSI; HIRATA, 2009). O principal conceito envolvido na realização das Análises Funcionais é o de contingência, ou seja, as relações entre variáveis ambientais antecedentes, a resposta e a consequência.

Além disso, Os procedimentos típicos para realizar uma análise funcional envolvem: a) decidir quais são as informações relevantes e coletá-las; b) delinear o problema ou alvo central; c) decidir quais serão os procedimentos realizados para modificar a situação e avaliar a eficácia dessas (TODOROV, 2012). De forma mais específica, quanto aos usos, a Análise Funcional pode ser classificada como: a) idiográfica ou nomotética (como em análise de categorias diagnósticas) (GRESSWELL; HOLLIN, 1992); b) direcionada para processos psicológicos ou sistemas complexos (STURMEY, 1996) e c) orientada para problemas de grupo ou de indivíduo, como no *setting* clínico (CONE, 1997). Cabe ressaltar que no contexto clínico predomina a nomenclatura Avaliação Funcional, por se tratar de um contexto não controlado, cujas variáveis são apenas parcialmente conhecidas e suas relações de difícil comprovação (MEYER, 1997).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise Funcional apresenta-se como uma metodologia ou estratégia básica de trabalho para os analistas do comportamento podendo ser utilizada no contexto clínico, pois auxilia no estabelecimento de hipóteses e ao testar essas hipóteses, o psicólogo põe em curso o processo terapêutico; e em laboratório, para pesquisas científicas no contexto experimental, em que o ambiente é controlado, e as variáveis são conhecidas e manipuladas.

REFERÊNCIAS

BANACO, R. A. Auto-regras e Patologia Comportamental. Em: D. R Zamignani (org.), Sobre Comportamento e Cognição, 1997

CAVALCANTE, S. N.; TOURINHO, E. Z. Classificação e Diagnóstico na Clínica: Possibilidades de um modelo analítico-comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 14, p. 139-147, 1998

CONE, J. D. Issues In Functional Analysis in Behavioral Assessment. **Behavior Research and Therapy**, v. 35, n. 3, p. 259-275, 1997.

COSTA, S. E.; MARINHO, M. L. Um modelo de apresentação de análises funcionais do comportamento. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 3, p. 43-54, 2002.

DELITTI, M. Análise Funcional: O Comportamento do Cliente como Foco da Análise Funcional. Em M. Delitti (org.). **Sobre o comportamento e cognição**, v.2, pp. 35-42, 2001

FAZZANO, Leandro H. Análise do fenômeno da homofobia: identificando contingências. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014.

FERSTER, C. B. A Functional Analysis of Depression. **American Psychologist**, n. 28, p. 857-870, 1973.

FIELD, C.E., NASH, H. M., HANDWERK, M. L.; FRIMAN, P. C. Using functional assessment and experimental functional analysis to individualize treatment for adolescents in a residential care setting. **Clinical Case Studies**, v. 3, n. 1, p. 25-36, 2004

GRESSWELL, D. M.; HOLLIN, C. R.. Toward a New Methodology For Making Sense of Case Material: An Illustrative Case Involving Attempted Multiple Murder. **Criminal Behavior and Mental Health**. v. 2, n. 4, p. 329-341, 1992.

GROSSI, R. Análise Funcional de uma proposta de atendimento domiciliar. Um estudo de caso de uma família, com filho adolescente portador de autismo e com muitos problemas comportamentais. **Tese de doutorado não publicada**, Universidade de São Paulo, 2002

HAYES, S. C; FOLLETTE, W.C. Can functional analysis provide a substitute for syndrome classification? **Behavior Assessment**, v. 14, p. 345-365, 1992.

HAYNES, Stephen N.; O'BRIEN, William H. Functional analysis in behavior therapy. **Clinical Psychology Review**, v. 10, n. 6, p. 649-668, 1990.

KODAK, T.; GROW, L.; NORTHUP, J. Functional analysis and treatment of development for a child with attention deficit hyperactivity disorder. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v.. 37, n. 2, p. 229-238, 2004.

MATOS, M. A. O Behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical. Em M. Delitti (org.). **Sobre o comportamento e cognição** v.1, p. 57-69, 1999b.

MEYER, S. B. O Conceito de Análise Funcional. In M. Delitti (Org.), **Sobre Comportamento e Cognição: A Prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental**, p. 31-36, 1997

MICHELETTO, N. Uma Questão de Consequências: A Elaboração da Proposta Metodológica de Skinner. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1995.

_____. Bases filosóficas da noção de relação funcional. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 2, n. 2, 115-121, 2000.

MOURA, C., GROSSI, R. & HIRATA, P. Análise funcional como estratégia para tomada de decisão em psicoterapia infantil. **Estudos de Psicologia**, n. 26, v. 2, p. 173-183, 2009.

NENO, Simone. Análise Funcional: Definição e Aplicação na Terapia Analítico-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 5, n. 2, p. 151-165, 2003.

OWENS, R. G; ASHCROFT, J. B. Functional analysis in applied psychology. **British Journal Of Clinical Psychology**, v. 21, p. 181-189, 1982

SANTARÉM, E.M.M. Análise funcional do comportamento. In: F.F. Sisto, E.T.B. Sbardelini; R. Primi. **Contextos e questões da avaliação psicológica**, p. 203-218. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SAMSON, D. M.; MCDONNELL, A. A Functional analysis and challenging behaviours. **Behavioral Psychotherapy**, v. 18, p. 259-271, 1990.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974

_____. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

STURMEY, P. S. **Functional Analysis in Clinical Psychology**. England, John Willey & Sons, 1996.

TODOROV, João Cláudio. O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 1, n. 1, p. 75-88, 2012.

TORÓS, D. O que é diagnóstico comportamental. Em M. Delitti (org.). Sobre o comportamento e cognição, v.2, p. 94-99, 2001.

TOURINHO, E. Z; NENO, S. Effectiveness as truth criterion in behavior analysis. **Behavior and Philosophy**, v. 31, p. 63-81, 2003.